



N.º 122 — Lisboa, 2 de junho

5.º ANNO 1915

# PARODIA

FUNDADOR  
**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

Publica-se ás sextas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 89 réis

Redacção e administração—Rua dos Mouros, 37, 1.º  
**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 20000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.  
demestre, 26 numeros..... 10000 » | Africa e India Portuguesa, anno. 20000 »  
Cobrança pelo correio..... 5100 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 30000 »  
**NOTA:** — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Anuario Commercial**  
5, Calçada da Gloria, 5  
IMPRESSÃO  
**A EDITORA**  
L. Condé Barão, 50

## Ordem do dia

### M. de C.

*O diabo de magica da imprensa portugueza.  
Surge por todos os alçapões.  
Por toda a parte espalha o seu cheiro a enxofre.  
Diabo sceptico.  
Pessimismo alegre, salgado, apimentado.  
E' o alliado de todos os demônios e o inimigo pandego de todos os anjos bons.  
Como o Diabo, hade morrer de velho, no millenio, escarranchado no Mundo, a rir, a rir...*



# AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as rolhas usadas no engarrafamento da Agua de Meza

## Sameiro

São sempre esterilizadas

E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro..... 80 rs.  
" " 1/4 litro..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.ª

**Reboleira, 55, 1.º**

Endereço telegraphico—COVERLEY  
Telephonic n.º 48

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.º

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.ª

Rua Vasco da Gama, 60, 1.º—Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Vol-tarete e Solo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa

de fabrico

e concertos

**FLORINDO**

Jóias  
com brilhantes

Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

# Annuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO-EDITOR: MANOEL JOSE DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRACAO CONTENDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino

**2:360 paginas de texto — 25.º anno**

**A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**PREÇO 2\$500 RÉIS**

**BRINDE: Uma nitida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36**

**ESCRITORIO**  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES**  
(PALACIO FOZ)



N.º 122 — LISBOA, 2 DE JUNHO

5.º ANO 1925

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

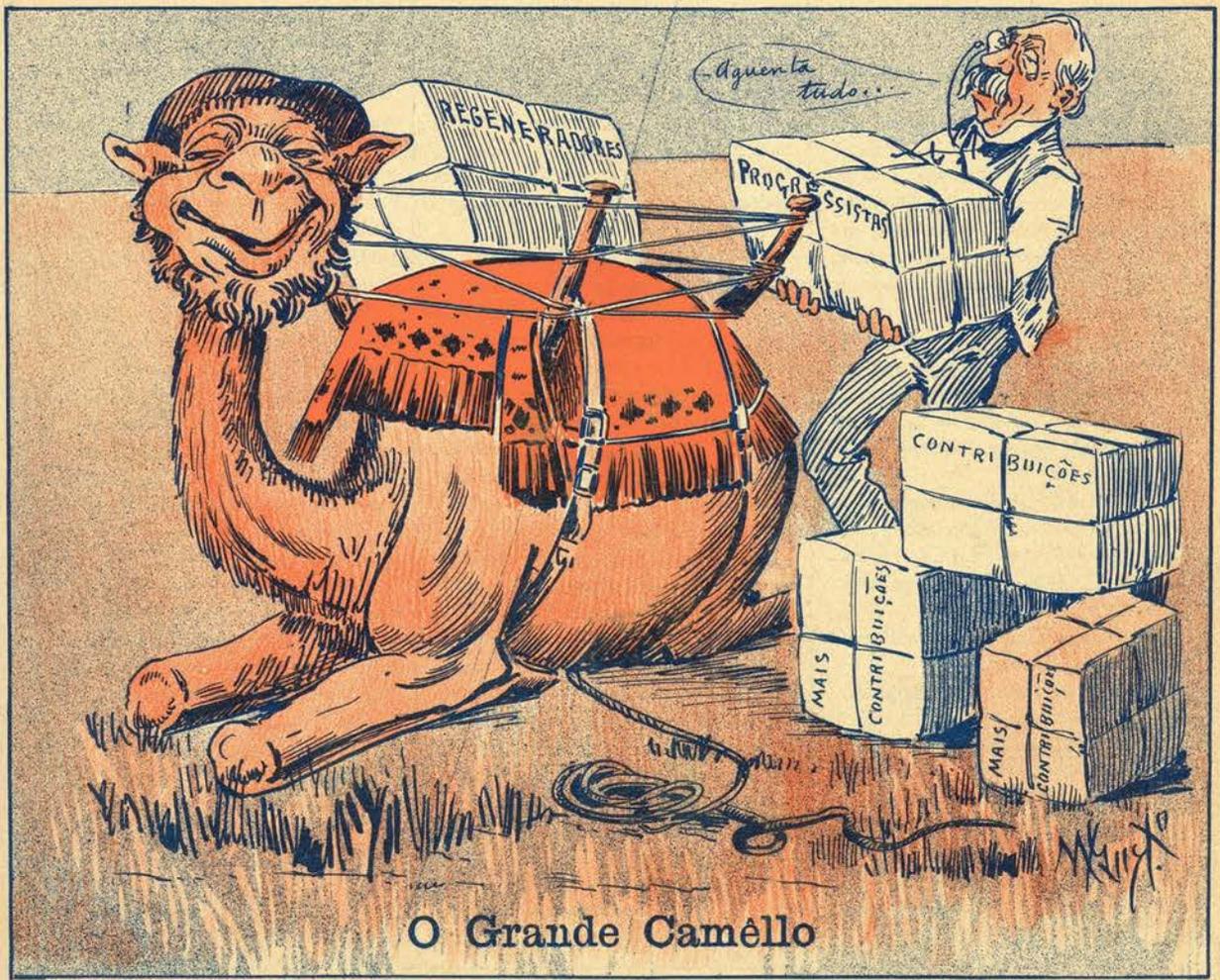
Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 50000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 13000 rs. | Africa e India/Portuguez, anno 25000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 33600 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
82, Rua do Norte 82  
IMPRESSÃO  
**"A EDITORA"**  
L. Conde Barão

## JARDIM ZOOLOGICO... POLITICO



O Grande Camello



## O ÚLTIMO TRIBUTO

1199 indivíduos morreram o anno passado em Lisboa, victimas da tuberculose

E' o que nos diz a estatistica obituarial, publicada esta semana pelos jornaes.

Pergunta-se então—Para quê tanta escarradeira?

A escarradeira é a tuberculose nos seus *effeitos*.

Lembra-se porventura alguém de a combater nas suas *causas*?

Ninguem.

Se nos é permittido affirmar uma d'essas verdades banaes a que é costume dar o nome de paradoxo, nós attribuiremos a tuberculose ao Estado, e, n'este ponto de vista, nós affirmaremos que o Estado em Portugal é um flagello social. O Estado, entre nós, verdadeiramente extermina; é peor do que a peste, é peor do que a guerra.

O papel do Estado é, com effeito, o de promover a fortuna, o bem-estar, a felicidade e a commodidade do maior numero, zelando os interesses privados que tomam o nome de *interesse publico*.

Compete ao Estado enriquecer e abastar o cidadão. A iniciativa individual sem a obra do Estado é nulla. O caso de alguns mercieiros ricos não destroe este raciocinio.

Como cumpre o Estado em Portugal esta missão benefica?

O Estado, no nosso paiz, é o inimigo do cidadão.

E' ver simplesmente qual a sua função.

A sua função unica é — *lançar o imposto, cobrar o imposto*.

Não tem outra.

Pratica elle algum acto pelo qual pareça interessar-se pelo bem individual?

Ha dezenas de problemas, desde o problema da alimentação até ao do inquilinato, cuja resolução dependeria de um simples traço de penna ministerial.

Alguem viu essa penna clemente dar esse traço?  
Ninguem.

A França acaba de dar um passo decisivo no sentido de regulamentar o trabalho das mulheres e das creanças nas fabricas.

Ouviu-se por ventura no seio dos nossos governos levantar-se alguma voz recordando estes interesses generosos?

Não se ouviu.

As classes pobres são victimas das mais abjectas expoliações. Lisboa é uma cidade de agiotas.

Pensou porventura o Estado em disputar a miseria a esses inimigos terriveis?

Ha pouco ainda nós referiamos aqui como o Estado francez chamou a si, n'um puro pensamento de protecção e solidariedade, a instituição das casas de penhores.

Alguna vez teve o Estado entre nós, o pensamento caridoso de expropriar a agiotagem das casas de penhores, collocando-se elle proprio ao serviço das classes que recorrem ao apoio d'estas instituições?

Em compensação, onde existe um Estado que mais pesadamente tribute e mais ferozmente chame a si o tributo?

O Fisco em Portugal é um flagello. Quando elle bate á porta do cidadão, ha lagrimas. Para pagar ao Estado destroem-se lares e ha familias inteiras lançadas no infortunio.

A tuberculose — dissemos nós — é um mal do Estado.

Irrecusavelmente.

A tuberculose é a miseria que o Estado espalha e distribue a cada um, em abandono e em expoliação.

N'um recente congresso reunido em Vianna do Castello para discutir esta enfermidade e os meios de a debellar, um medico attestou que todos os casos de tuberculose da sua clinica tinham por origem — a fome, e é porventura ousado affirmar que um Estado que não previne a miseria, geradora do exterminio, é verdadeiramente, elle proprio, um Estado exterminador?

Em Lisboa a mortalidade é enorme porque é enorme a miseria, porque a vida é carissima, porque as habitações são mortíferas e os senhores gananciosos, porque o trabalho é escasso e não é remunerador, finalmente porque todo o genero de tributos, directos e indirectos, vem aggravar estes males já terriveis com um systhema de terriveis extorsões que reduzem as classes sem fortuna a um minimo de bem-estar, que é o de pauperamento e o aniquilamento colectivo.

O Estado, não hesitamos em repetir-o, é o responsavel unico d'esta verdadeira calamidade social. Sem o seu egoismo, sem a sua desordem, sem a sua dissipação, haveria uma prosperidade que não existe. Não cho-veriam talvez frangos assados, mas cada um teria uma parte de subsistencia que lhe garantisse o direito á vida forte e são.

O Estado, nós o sabemos, é uma abstracção, mas quantas vezes nos tem succedido vendo-a passar, «de farda e grã-cruz ao peito» pensarmos com os nossos botões que para que ella ali vá é preciso que muita gente escarre sangue!

A tuberculose é uma forma de contribuição ao Estado.

E' o ultimo tributo do cidadão — a sua ultima decima relaxada.

JOÃO RIMANSO.

# O NOVO LIVRO D'EL-REI

(Uma pagina inedita)

Os jornaes publicaram a semana passada a noticia de que el-rei está escrevendo uma obra litteraria que — accrescenta um d'elles — «nada tem que ver com os estudos oceanographicos.»

Os nossos jornaes, porem, são muitissimo difficientes.

O que faria n'este caso um orgão como, por exemplo, o *Times*, ou o *New York Herald*?

Sem perda de tempo, procuraríamos por todos os meios audaciosos e custosos de que se serve a imprensa moderna, obter um exemplar em prova ou, pelo menos, algumas provas do novo livro e, sem perda de tempo tambem, indiscretamente, mas galhardemente, o daria á estampa.

Isto pensamos nós quando lemos a noticia em questão e posto não sejamos o que se chama — um grande orgão, ousamos aspirar á gloria dos grandes emprehendimentos da moderna imprensa, dando o que se chama — um golpe.

Esse golpe demol-o. Graças a cumplicidades generosas umas, outras largamente recompensadas, conseguimos obter uma folha, não mais, da nova obra, em via de impressão, do chefe do Estado; e essa folha unica, breve, é a que em seguida damos alvorocadamente á estampa, tanto quanto possivel com o aspecto que tem.

Trata-se com effeito, pelo que é licito deprehender d'esse excerpto, de uma obra litteraria, de impressões talvez, talvez de critica, em que vagamente distinguimos alguns factos e alguns homens publicos de periodo contemporaneo. De todos os modos não é bem interessante esta folha solta de um livro que ainda não appareceu, do um rei que subitamente se revela homem de letras?

O livro — revelemol-o desde já com espalhafato — intitula-se — *Ditosa Patria...*

DITOSA PATRIA

235

viços que eu nunca esquecerei, o que não impede que eu reconheça que deixa muito a desejar no ponto de vista decorativo e por causa das suas estreitas convivencias domesticas. Para meu gosto, acho-o um pouco archaico, 1830, senão 1820. Pertence á linhagem dos velhos conspiradores setembristas do tempo de minha bisavó. Já o trouxe debaixo d'olho quando foi da Colligação Liberal. Toma um rapé que é feito com uns restos de polvora da Belemzada. No entanto parece-me arrumado. E' muito mais perigoso para os seus amigos do que para mim, o que de resto sempre succedeu aos revolucionarios velhos.

Aquelle a quem me referi no capitulo anterior tem uma linha mais moderna que me é mais grata. E' o typo da severidade exterior. Tem viço. Não é mesmo feio e falla melhor o francez do que outro. O outro não é forte em linguas. Já mesmo me tem compromettido com o corpo diplomatico. Conjuga pessimamente os verbos auxiliares. Este conjuga-os menos mal e está bastante á vontade. Tem *aplomb* de carreira. Se me fosse licito confessar as minhas predilecções, diria que o prefiro não tanto pelos seus principios como pelas suas sobrecasacas.

Espero que, com o auxilio da Divina Providencia, terei dado, n'estas breves linhas, uma idéa tanto quanto possivel exacta, d'estes dois homens essenciaes ao funcionamento do systema que felizmente nos rege.



# A GRANDE FORÇA DA ACTUALIDADE



IMPrensa

Preso por uma linha...

Gustavo Dorvalino

## MUSICA DESCRIPTIVA

Como succeda que tenha fallecido ha dias o maestro Sauvinet, annunciam os jornaes, com o viço de uma nova actualidade, uma ode symphonica do mesmo mallogrado maestro e que é, nem mais nem menos, do que a descripção de Cintra em musica.

O annuncio em questão resa assim: «Descripção: A Sala dos Cynnes. O que dizem os ladrilhos. A ascensão da serra. O portal do Mouro. A ponte levadiça».

Dos capitulos d'esta descripção symphonica o que mais nos surprehende é o que tem por titulo—*O que dizem os ladrilhos*.

Já a descripção da Sala dos Cynnes, a do portal do Mouro e a da ponte levadiça nos parece coisa que só muito problematicamente poderá ser bem succedida; mas a descripção *do que dizem os ladrilhos*, essa, — que os melomanos nos perdoem! — não a podemos aceitar como descripção, senão com a condição de ser feita pelo sr. Sousa Monteiro — e em prosa. Em musica não cremos que os ladrilhos fiquem de alguma maneira intelligiveis.

Mas que fazer?

A musica tem esta mania: descrever. Já Beethoven nos descreve, na sua famosa *Pastoral*, uma scena á beira de um arroio, e ha pouco, um dos mais afamados, modernos compositores allemães, Ricardo Strauss, com a sua *Sinfonia domestica*, se propõe descrever-nos um dia passado n'uma casa de familia, entre pae, mãe e filho.

Consegue a musica—descrever?

A musica dá impressões abstractas: alegre, entristece, enthusiasma, arrebatada. Ella desperta na alma adormecida tantas sensações quantas quer. Impressões concretas não as dá senão pelo capricho dos compositores ou pelas superstições do ouvido fanatico. A musica dá-nos a impressão abstracta da natureza, mas já não nos dá, por exemplo, a impressão concreta de uma arvore. O som tem um immenso poder, mas nem todas as percepções do mundo externo veem a nós pelo vehiculo do som.

Sem embargo, a musica procura por meio do som exprimir tudo.

Como?

Pelo arbitrio.

Imagine se, por exemplo, uma ode sinfonica intitulada não já *A Serra de Cintra*, mas a *Rua dos Navegantes*.

Seria possivel?  
Tudo é possivel em musica. Pois não se fez já, como vimos, a *Sinfonia domestica*?

A *Rua dos Navegantes* seria uma nova sinfonia domestica, pela qual haveria talvez meio de exprimir o dualismo da actual situação politica, dividida entre a autoridade do pae e a da mãe, como na sinfonia de Ricardo Strauss.

Nós não sabemos musica. Não podemos por isso desde já instrumentar essa peça descriptiva.

Iria bem o trombone á personalidade do sr José Luciano?



E o fagote representaria de algum modo a soberania domestica com que elle se divide?

Um momento de desafinação daria talvez a impressão do desaccordo no seio da commissão de fazenda.

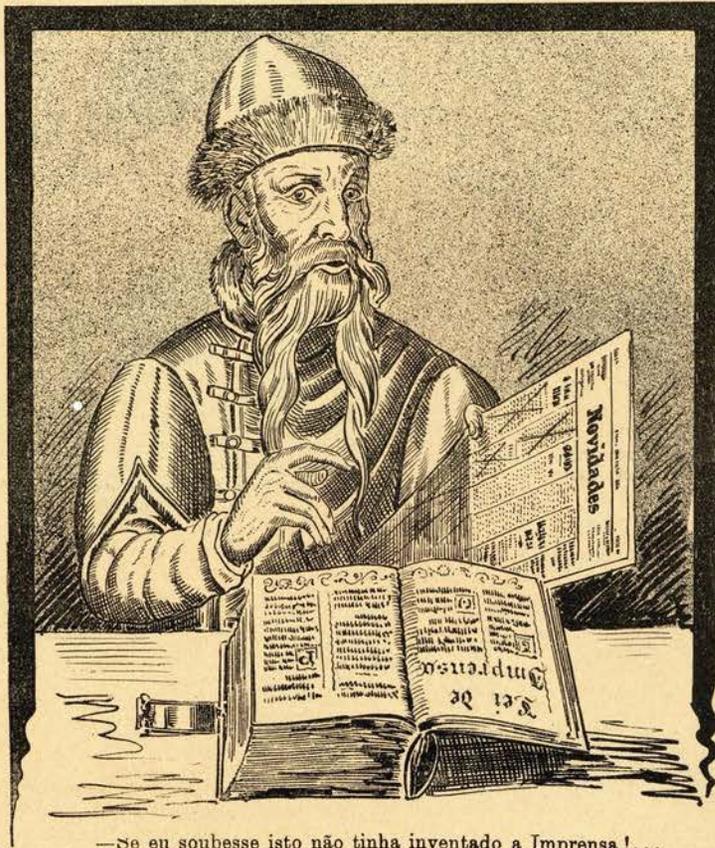
Só nos tolhe uma perplexidade. — Como descrever em musica o sr. Oliveira Mattos? como exprimir a sua fidelidade aos principios? Como exprimir a sua pontualidade ao chá?



Ah! a musica é impotente para descrever!

O sr. Oliveira Mattos dá-nos a impressão de confundir-se no estado de som, com todos os sons — os mais obscuros e inexpressivos!

## Guttenberg e o sr. José Luciano



## Portugal no Estrangeiro

O ultimo numero do *Journal des Débats* traz uma interview de um dos seus redactores com o Sr. Conselheiro Hintze Ribeiro, que, como se sabe, se acha agora em Paris.

Vamos reproduzi la, vertendo para portuguez as perguntas que o jornalista dirigiu ao nosso homem de Estado, mas conservando todo o sabor francez ás respostas que este lhe deu.

— Existe realmente em Portugal uma verdadeira luta de partidos?

— *Oui, Monsieur. C'est ce que nous appellons la lute de la bique...*

— E porque lhe chamam assim?

— *Parce que quand un des deux partis constitutionnels va par terre, l'autre reste toujours... à la bique!*

— Trata-se pois de uma luta de principios ou de uma luta de individuos?

— *Ainsi, ainsi...*

— Mas ha, ou não ha algum ponto em que os chefes d'esses dois partidos se encontrem sempre de accordo?

— *Oui, il y en a.*

— E qual é esse ponto?

— *C'est au Crédit Prédial.*

— Em Portugal, existem, porém, muitos outros partidos politicos, pois não é verdade?

— *Oh, non! Ce ne sont que des partis-pris.*

— Todavia, em França, tem-se falado muito dos franquistas e dos nacionalistas... ultimamente.

— *Fichez-moi la paix! Ils ne valent pas deux colimaçons.*

— E os alpoïnistas?

— *Ceux là, au moins, ils ont un certain poids, le poids de leur chef...*

— Monsieur Alpoim...

— *Oui. C'est un homme qui pèse ses 120 kilos bien tirés.*

— E' certo que os portuguezes gostam muito de tabaco!

— *Oui, beaucoup.*

— E todos fumam?

— *Il n'y a qu'une moitié qui fume...*

— E a outra metade?

— *Elle crache!*

— Porque é que Portugal, sendo, como é, um paiz tão rico, anda sempre a fazer empréstimos?

— *Parceque nous avons nos besoins.*

— Mas não lhe parece que cada novo empréstimo que fazem é mais um passo que avançam para a sua ruina?

— *Oui, je le sais. Mais qu'est-ce que vous voulez? C'est toujours le Pas des Besoins...*

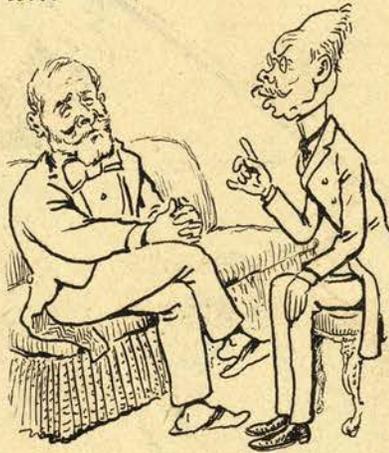


## A POLITICA EM FÉRIAS

Paris, 28, ás 3,45 t. — O sr. conselheiro Hintze Ribeiro foi hoje, ás 10 horas da manhã, ao palacio do Elyseu, sendo recebido pelo presidente da republica, que com elle esteve conversando longamente.

Loubet. — Diz então v. ex.<sup>a</sup> que os dois partidos se revezam no poder...

Hintze. — Sim... Pontualmente, methodicamente, systematicamente...



Loubet. — O partido de que v. ex.<sup>a</sup> é chefe... e o outro...

Hintze. — Sim... o partido progressista.

Loubet. — Estes dois partidos tem por certo cada um o seu programma...

Hintze. — Em rigor não tem... O programma dos dois partidos em Portugal, não differe essencialmente...

Loubet. — Mas governam por certo com idéas...

Hintze. — Com idéas... diz v. ex.<sup>a</sup>? Não! Nunca foi preciso...

Loubet. — Ah! é muito commodo!... E com que governam então?

Hintze. — Com os principios...

Loubet. — E esses principios são?...

Hintze. — Não são coisa alguma... são uma invocação... um *ave!*

Loubet. — A opposição, no entanto, combate...

Hintze. — Combate... e eu mesmo, mais de uma vez, tenho combatido...

Loubet. — E o que deseja, o que pede ella?

Hintze. — O poder.

Loubet. — Não quer mais nada?

Hintze. — Algumas vezes quer... Quer pranchada. E' o caso das opposições anti dynasticas, e nós então damos-lh'a.

Loubet. — A theoria do poder não admite n'esse caso os partidos de opposição ao regimen politico?



Hintze. — Por bonhomia... De resto, esses partidos estão fóra da lei.

Loubet. — Não tem representação no parlamento?

Hintze. — Poderiam ter, mas não é costume dar-lh'a.

Loubet. — E outros partidos?

Hintze. — Não ha. Ha apenas — individuos. Tanto assim que essas facções, se assim me ousou exprimir, tomam o nome dos seus chefes. Por exemplo: franquismo, alpoïnismo, etc., etc.

Loubet. — Vejo que o systema liberal no seu paiz está montado com muita precisão.

Hintze. — E' um chronometro.

Loubet. — Em França então, meu caro sr. Hintze, não sabemos a quantas andamos.

Hintze. — Defeito da politica de idéas.

Loubet. — Mas como evital o?

Hintze. — Muito simplesmente...

Affastando as idéas do poder.

Loubet. — E substituindo-as por qué?

Hintze. — Por idiotas.



# CORPO DE DEUS... PROGRESSISTA



S. JORGE E O HOMEM DE FERRO

Augusto

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

ASSEMBLÉA GERAL DOS SRS. ACCIONISTAS

Nos termos dos artigos 31.º e 39.º dos estatutos d'esta Companhia, approvados por alvará de 30 de novembro de 1894, são convocados os srs. accionistas para se reunirem em Lisboa na séde social, em assembléa geral ordinaria, no dia 15 de junho proximo futuro ao meio dia.

ORDEM DO DIA

1.º — Apresentação das contas respectivas ao exercicio de 1904, do relatório annual do Conselho de Administração e do respectivo parecer do Conselho Fiscal e votação do mesmo parecer sobre essas contas;

2.º — Quaesquer propostas dos srs. accionistas apresentadas segundo a parte final do art. 38.º dos estatutos;

3.º — Eleição de um vogal do Conselho de Administração, nos termos do art. 13.º dos mesmos estatutos, podendo ser reeleito segundo o mesmo artigo o administrador que completou o seu periodo d'exercicio;

4.º — Eleição de dois vogaes do Conselho Fiscal nos termos do art. 24.º dos ditos estatutos, podendo ser reeleitos, segundo o mesmo artigo os accionistas que completaram o mesmo periodo.

Esta assembléa geral segundo os preceitos do art. 28.º dos mesmos estatutos, compôr-se-ha dos accionistas possuidores de cem ou mais acções da Companhia.

Para poder tomar parte na assembléa devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 15 de maio corrente inclusivé, e as acções ao portador depositadas até ás 4 horas da tarde do dia 31 de maio corrente :

Em Lisboa: — na séde da Companhia, no Banco de Portugal, no Banco Lisboa & Açores, no Banco Commercial de Lisboa, no Banco Nacional Ultramarino, no Monte-Pio Geral e no Credit Franco Portugais;

No Porto: — no Banco Alliança e no Banco Commercial do Porto;

Em Paris: — nas caixas do Crédit Lyonnais, na Société Générale de Crédit Industriel & Commercial, na Société Générale pour favoriser le développement du Commerce & de l'Industrie en France, no Comptoir National d'Escompte de Paris e na Banque de Paris & des Pays Bas;

Em Londres: — nas caixas dos Banqueiros Glyn, Mills, Currie & C.º;

Em Berlim e Francfort: — nas caixas do Bank fur Handel & Industrie.

Os bilhetes de admissão á assembléa serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções depositadas.

A assembléa constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos art.ºs 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos estatutos.

Lisboa, 3 de maio de 1905.

O Presidente do Conselho de Administração,

*Victorino Vaz Junior.*

A. D'ABREU  ANTIGA CASA Viuva Soares & Filho

JOALHERIA E OURIVESARIA

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59 LISBOA

Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca **ESPADA**

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.ª Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. A venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

TYPOGRAPHIA DO ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PROPRIEDADE DE

MANOEL JOSE DA SILVA

Iluminação e força motriz por electricidade

Impressões em tinta de copiar, Transportes, ouro e prata, impressos para as repartições de Fazenda, Camaras Municipaes, Companhias de seguros, Empresas de navegação, etc., Bilhetes de visita, facturas, bilhetes de loja, recibos, talões, apolices, quotas, participações de casamentos, conhecimentos, etc.

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA E OBRAS ILLUSTRADAS

LISBOA — CALÇADA DA GLORIA, 5. — LISBOA



**Callista Pedicuro** Jeronymo Fernandes

Empregado da casa Ormelles

RUA SERPA PINTO — 48, 1.º

(estepara o Chitado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos. Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

